

Apropriações e Influências do Mito do Pay Sumé na Evangelização feita pelos Jesuítas na América do Sul nos séculos XVI e XVII¹

THIAGO LEANDRO VIEIRA CAVALCANTE² – UEL

Os Jesuítas chegaram à América do Sul no século XVI, com a particular incumbência de evangelizar os povos nativos e assim recuperar as “almas” perdidas com a Reforma Protestante ocorrida na Europa.

Diante de tal tarefa alguns jesuítas se dedicaram a conhecer a língua, os costumes e a conviver com os povos, que convencionalmente chamaram índios. Os trabalhos jesuíticos focalizaram o desenvolvimento de uma série de atividades civilizatórias³, é claro que a idéia civilizatoria por eles empregada era baseada no modelo europeu, que tinha no mercantilismo e nos valores cristãos católicos seus pontos de base.

Outro fator motivador foi o surgimento do ideal missionário⁴ surgido na Igreja por volta do séc. XVI sendo um contraponto entre a Igreja medieval que tinha nas ordens monásticas que buscavam a salvação do mundo através de sua contemplação e interseção, seu fundamento. As ordens missionárias deram uma dimensão social para a Igreja, constituindo-se como ponte entre o mundo sagrado e o profano. A Igreja vê na missão a oportunidade de conquistar novos fiéis e unida ao poder terreno participa das conquistas.

No séc. XVI o mundo vive a ausência de seu paradigma, pois Deus é expresso apenas por semelhanças já que seu lugar não é no mundo profano. Assim:

“... A tarefa do cristão e particularmente do sacerdote cristão é de tentar ler essas marcas que inscrevem nos objetos sua distância e sua diferença do paradigma. A tarefa do sacerdote cristão missionário é maior. Ele não é apenas um leitor das marcas; deve lê-las e modifica-las. Se a mudança não for possível deve abandoná-las à sua sorte ou – melhor – eliminá-las. Ainda mais quando há o perigo do inimigo de Deus e do homem ter-se apoderado – temporariamente ou não – de certos objetos, roubando-os a seu legítimo senhor. O missionário não quer somente ler o livro sagrado enquanto tal. Ele quer lê-lo (confrontá-lo enquanto código ideal) no mundo secular. Quer decifrar este mundo como linguagem, percorrer seus sinais e estabelecer uma leitura frutífera para uma interpretação adequada quando o ‘texto’ estiver truncado ou maculado. Não devemos por outro lado, supor um abandono da interpretação das escrituras sagradas por parte das ordens missionárias. Elas as lêem e transmitem sua verdade para o século, especialmente para os semelhantes menos semelhantes, mais afastados do dogma. O auditório predileto da Missão é o dos que ainda não tinham ouvido a palavra divina. Esta palavra para ser ouvida deve ser repetida pelos que foram capazes de a escutar e autorizados, pela Instituição Sagrada, a fazê-lo. Os missionários são pregadores. Restabelecem a oratória como estilo

preferido para a conversão, o que leva a um revigoramento de formas muito mais inflamadas, eloqüentes e sentimentais do que as peculiares à escrita escolástica.”⁵

Como vemos foram de grande importância, como motivadores, os ideais civilizatórios e a ação missionária gerada no movimento de contra reforma.

Diante de tal situação naturalmente surgiram umas séries de choques, isso por que os índios não eram pessoas sem cultura. Pelo contrario eles possuíam todo um conjunto de costumes e práticas cotidianas e religiosas que entraram em conflito direto com o pensamento cristão. As formas de atividade religiosa, as práticas de poligamia, antropofagia entre várias outras não cabiam no modo de vida cristão que estava sendo implantado.

Ao tentar introduzir o catolicismo como religião aos índios, como já dissemos, os jesuítas se depararam com um conjunto de crenças consolidadas. Uma delas lhes chamou atenção, o Mito do Pay Sumé. Tanto lhes chamou atenção que vários jesuítas se preocuparam e dedicaram grande tempo de suas vidas em estudá-la e registrá-la através de seus escritos, dos quais temos maior conhecimento dos trabalhos de Manoel da Nóbrega em suas cartas do Brasil⁶ e o de Antonio Ruiz Montoya em sua obra Conquista Espiritual⁷.

Na introdução de Visão do Paraíso⁸, Sergio Buarque de Holanda faz a seguinte afirmação:

“... ao ofício do historiador... não lhe permite eregir altares para o passado... umas das missões do historiador, desde que se interesse nas coisas do seu tempo, mas em caso contrario pode-se ainda chamar historiador? Consiste em procurar afugentar do presente os demônios da história. Quer isto dizer, em outras palavras, que a lúcida inteligência das coisas idas que não podemos voltar atrás e nem há como pretender ir buscar no passado o bom remédio para as misérias que corre ...”⁹

Diante de tal afirmação olhamos para o presente e vemos uma América do Sul predominantemente católica e com as culturas religiosas nativas mantendo suas expressões de forma fragmentadas e muitas vezes sustentadas através de sincretismos.

Isso se deve, em grande parte, ao processo cristianizador desenvolvido imediatamente após os chamados descobrimentos e que continua ainda hoje.

Não defendemos a idéia de que a situação religiosa cultural da América do Sul seja fruto apenas da evangelização jesuítica influenciada em algum ponto pelo mito do Pay Sumé. Temos claro que essa situação é resultado de um processo amplamente complexo. Porém a participação das missões jesuíticas foi de grande importância no período colonial.

Pretendemos destacar as características influenciadoras que o mito teve sobre os jesuítas. Nos apoiaremos ainda em algumas idéias de Mircea Eliade que em “O Mito do Eterno Retorno”¹⁰, destaca a importância para as sociedades primitivas de um modelo sobrenatural para as pessoas seguirem. Trabalhamos a hipótese de que o fato de os jesuítas se sentirem os sucessores de Tomé teve grande influência em sua evangelização sul-americana.

Compreender esses aspectos nos levará a compreender ao menos uma parte do processo que nos colocou na situação cultural religiosa em que atualmente vivemos na América do Sul.

Estamos utilizando como nossas principais fontes documentais alguns capítulos da obra de Antonio Ruiz Montoya “Conquista Espiritual, feita pelos religiosos da companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai, e Tape”.¹¹ Além disso utilizamos algumas cartas de Manoel da Nóbrega datadas do séc XVI, publicadas em forma de livro chamado “Cartas do Brasil”¹²

Nossa análise está se apoiando nos pressupostos teóricos que Ginsburg utiliza em sua obra “O queijo e os Vermes”¹³. Assim vislumbramos uma forte circularidade cultural entre um mito indígena e o próprio mito cristão que recriou um mito incorporado-o ao cristianismo sul americano dos séculos XVI E XVII.

No imaginário indígena habitaria um personagem mítico conhecido por Pay Sumé. Deste personagem os indígenas guardariam apenas uma vaga lembrança. Num passado bastante longínquo teria ele percorrido muitos locais habitados por indígenas, pregado a fé em um único deus, nessa trajetória teria deixado vários sinais como, pegadas

em pedras, teria carregado um símbolo posteriormente interpretado como uma cruz e por fim teria deixado a mensagem de que com o passar do tempo os nativos esqueceriam do teor completo da pregação, mas no futuro viriam alguns sucessores seus que revificariam a fé perdida.

“Estranhando nós um acolhimento tão fora do comum, disseram-nos que, por tradição antiqüíssima e recebida de seus antepassados, sustentavam que, quando São Tomé – a quem comumente chamavam ‘Pay Zumé’ na Província do Paraguai e ‘Pay Tumé’ nas do Peru – fez a sua passagem por aquelas terras, disse-lhes estas palavras:

‘A doutrina que eu agora vos prego, perdê-la-eis com o tempo. Mas, quando depois de muitos tempos, vierem uns sacerdotes sucessores meus, que trouxerem cruzeiros como eu trago, ouvirão vossos descendentes esta (mesma) doutrina’.”¹⁴ **(SIC)**.

Tomando conhecimento desse mito rapidamente, devido a vários fatores, dos quais alguns foram estudados por Sergio Buarque de Holanda em *Visão do Paraíso*¹⁵, como o fato de Tomé tradicionalmente ter sido identificado como o apóstolo dos gentios, e ter pregado no oriente e na África. Estabeleceu-se que o Apóstolo Tomé¹⁶ teria passado pela América do Sul pregando o evangelho de Jesus Cristo. Acreditamos que a primeira fonte inspiradora de tal ligação tenha sido a proximidade fonética entre Sumé¹⁷ e Tomé. Há também a questão da missão apostólica de levar o evangelho a todo o mundo. Ficaria somente a América sem receber a mensagem redentora? Poderia o apóstolo ter conseguido algum meio para passar da África à América, embora a crença maior fosse de um transporte sobrenatural.

Partindo do pressuposto de que de fato existia um mito indígena do Pay Sumé e que esse mito foi recriado transformando-se no apóstolo Tomé, como isso teria ocorrido? Como isso poderia ter-se propagado tão largamente por quase toda a América do Sul? Como isso favoreceu a evangelização feita pelos jesuítas?

As primeiras reduções jesuíticas iniciaram-se por volta de 1609 é a partir daí que o mito recriado aparece nos escritos do Pe. Antonio Ruiz de Montoya. As cartas que contém diversos relatos do Pe. Manoel da Nóbrega datam de 1549. Ou seja os principais relatos jesuíticos sobre este mito são posteriores às primeiras notícias da presença do

apóstolo Tomé nas Américas, estas segundo Sergio Buarque de Holanda estariam na *Nova Gazeta Alemã* que teria sido composta em 1515¹⁸. Também já era bastante difundida a suposta evangelização feita por Tomé no Oriente, inclusive todos os sinais que ele teria deixado lá como: pegadas, fontes milagrosas, madeiros gigantes etc.

Podemos levantar a hipótese de que possuidores de todas as informações acima citadas, Os jesuítas ao depararem-se com o mito indígena em questão não tenham tido dificuldade alguma, para através de uma associação, intencional ou não, dar ao até então Sumé status de apóstolo Tomé e beneficiar-se claramente desse fato.

Quanto aos sinais, é realmente provável que pelo menos as pegadas humanas em rochas tenham sido reais, haja vista que vários cronistas¹⁹ relatam este fato, inclusive Nóbrega atesta ter visto com seus próprios olhos em carta datada de 1549.

“Dizem Elles que S. Thomé a quem elles chamam Zomé, passou por aqui, e isto lhes ficou por dito que seus passados e suas pisadas estão signaladas juncto de um rio, as quaes eu fui ver por mais certeza da verdade e vi com meus próprios olhos, quatro pisadas mui signaladas com seus dedos...”²⁰ (SIC).

Entretanto as possibilidades das pegadas terem existido de fato não trazem em si nem uma comprovação de que tenham sido do apóstolo Tomé, pelo contrário podem ter sido utilizadas com forma de consolidação do mito através de associação com o Tomé do extremo Oriente.

As informações sobre o mito recriado do apóstolo Tomé circularam rapidamente entre os jesuítas e logo se tornaram consenso. A produção de cartas dos jesuítas em geral é bastante grande, isso não ocorre por um simples acaso, mas sim devido às diretrizes da Companhia de Jesus. Sobre isso há um artigo de Londono Torres “Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no século XVI”²¹

Segundo Torres, após o surgimento da Companhia de Jesus no século XVI ela rapidamente se espalhou pelos quatro cantos do mundo. Assim Loyola temendo uma desagregação dos membros cria uma série de medidas nas constituições da companhia para evitar que isso ocorresse, dentre as quais a obrigação dos religiosos manterem uma freqüente comunicação com seus superiores através de cartas. Criaram-se prazos para

envio, as cartas eram copiadas e reenviadas a outras partes do mundo onde houvessem jesuítas, devido à grande diversidade lingüística, estabeleceu-se o latim como língua oficial para essas comunicações. Criou-se um sistema de comunicação muito eficiente.

Além disso, dado que os primeiros membros da companhia, incluído seu fundador eram todos mestres em letras e posteriormente muitos doutores fizeram parte de suas fileiras, a tradição da escrita não teve muita dificuldade para se solidificar na companhia, embora é claro tenham existido alguns poucos casos de resistência. Havia basicamente dois tipos de cartas as de *edificação*, que deveriam mostrar a graça de Deus sendo manifestada pela ação jesuítica nos diversos cantos do mundo. E as cartas que descreviam o cotidiano das casas, os problemas, as evoluções dos irmãos etc. Esse tipo de carta ficava reservado aos superiores provinciais e ao governo geral ao contrario das de edificação que deveriam ser lidas pelo maior número de jesuítas possível.

Através desse sistema de comunicação o mito recriado foi vastamente divulgado. Vide as cartas de Manoel da Nóbrega como exemplo.

Compartilhamos da opinião apresentada por Sergio Buarque de Holanda sobre o favorecimento que os jesuítas obtiveram a partir da recriação do mito indígena.

“... parece fora de discussão a missionários que identificaram o Sumé brasílico e o Pay Tumé peruano ao discípulo de Jesus: na ajuda que teria ele prestado à obra de conversão do gentil. O próprio Nóbrega já escreverá que, segundo a tradição dos índios, anunciará-lhes São Tomé, ao partir para a Índia que, ‘havia de tornar a vê-los’. Por sua vê os missionários jesuítas do Paraguai não hesitaram em interpretar essa promessa como anúncio do seu próprio apostolado. Aos Padres Mazeta e Cataldino chegara mesmo, certo cacique do Paranapanema, a dizer de Pay Zomé que falará aos seus antepassados do dia em que toda aquela gentileza se haveria de estabelecer em povoados, por obra de certo homens que levariam a cruz diante de si, o que afinal se realizou com as fundações de Santo Inácio e Loreto...”²²

A sorte de encontrar o mito indígena do Pay Sumé, Zomé, Zumé etc. possibilitou aos jesuítas valer-se do suposto legado do apóstolo Tomé. E isso foi importantíssimo para o sucesso ao menos temporário da empreita jesuítica.

¹ Este projeto está sendo desenvolvido no curso de Especialização em História Social e Ensino de História da Universidade Estadual de Londrina sob orientação do Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares.

² Graduado em História pela UEL e aluno do curso de Especialização em História Social e ensino de História da UEL.

³ Segundo Norbert Elias em:

ELIAS, Norbet. *O Processo Civilizador Volume 1: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

O conceito de civilização foi cunhado na Europa no séx XVIII, apresentando diferenças conceituais de acordo com a nação no qual foi concebido. O conceito que se expandiu para as nações ocidentais e está ligado a esse trabalho é o conceito francês de Civilisation, esse conceito descreveria uma auto imagem da sociedade, imagem essa que se acreditava superior a todas as demais abrangia fatos políticos, econômicos, religiosos, técnicos, morais e sociais e presume o desenvolvimento de um processo. O conceito refere-se a realizações, mas também a atitudes de comportamentos das pessoas.

Como vimos o conceito de civilization é posterior ao período que nos propomos estudar, porém Elias afirma que o processo é anterior. Termos como civilisé, poli, policé ou civilité eram utilizados quase como sinônimos como expressão dos seus padrões comportamentais que eram considerados superiores aos demais. "...politesse ou civilité tinham, antes de formado e firmado o conceito de civilisation, praticamente a mesma função deste ultimo: expressar a auto imagem da classe alta européia, em comparação com outros que seus membros mais simples ou mais primitivos e ao mesmo tempo caracterizar o tipo específico de comportamento através do qual essa classe se sentia diferente de todos aqueles que julgava mais simples e mais primitivo..."pp. 54. Assim sendo utilizaremos os conceitos de civilidade e civilização com o sentido de um processo empreendido pelos jesuítas que buscava impor os padrões cristãos europeus aos nativos.

⁴ NEVES, Luiz Felipe Baeta. *O Combate dos Soldados de Cristo na Terra do Papagaios: Colonialismo e Repressão Cultural*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

⁵ NEVES, Luiz Felipe Baeta. *O Combate dos Soldados de Cristo na Terra do Papagaios: Colonialismo e Repressão Cultural*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978. pp. 36.

⁶ NOBREGA, Manoel. *Cartas Jesuíticas 1: Cartas do Brasil 1549-1560*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

⁷ MONTOYA, Pe. Antonio Ruiz, *Conquista Espiritual feita pelos Padres da Companhia de Jesus*. Porto Alegre: Matins Livreiro Editor, 1ª ed. 1639, 1985.

⁸ HOLANDA, Sergio. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

⁹ HOLANDA, Sergio. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000. pp. xviii..

¹⁰ ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno: Arquétipos e Repetição*. Lisboa: Edições 70, 2000. HOLANDA, Sergio. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000. pp. xviii..

¹¹ MONTOYA, Pe. Antonio Ruiz, *Conquista Espiritual feita pelos Padres da Companhia de Jesus*. Porto Alegre: Matins Livreiro Editor, 1ª ed. 1639, 1985.

¹² NOBREGA, Manoel. *Cartas Jesuíticas 1: Cartas do Brasil 1549-1560*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

¹³ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

¹⁴ MONTOYA, Pe. Antonio Ruiz, *Conquista Espiritual feita pelos Padres da Companhia de Jesus*. Porto Alegre: Matins Livreiro Editor, 1ª ed. 1639, 1985. pp.86.

¹⁵ HOLANDA, Sergio. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

¹⁶ Segundo a crença cristã, Tomé foi um dos doze apóstolos escolhidos inicialmente por Jesus Cristo. Segundo a tradição, após a morte e ressurreição de Cristo os apóstolos percorreram diversas regiões do mundo no intuito de propagar a fé a Tomé é atribuída a evangelização da Ásia e parte da África.

¹⁷ Além de Pay Sumé, comum no Brasil, havia variantes fonéticas em determinadas regiões na Província do Paraguai chamavam Pay Zumé, na província do Peru Pay Tumé.

¹⁸ HOLANDA, Sergio. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 110.

¹⁹ HOLANDA, Sergio. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 111.

²⁰ NOBREGA, Manoel. *Cartas Jesuíticas 1: Cartas do Brasil 1549-1560*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988. pp. 101.

²¹ TORRES LONDONO, Fernando. *Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. Ver. brás. Hist., 2002. vol.22, nº43, p.11-32.*

²² HOLANDA, Sergio. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 125.